

# REVISTA MODERNA

REDACTORES

Frontino Guimarães, Arthur Goulart e H. Marcondes

Publica-se mensalmente em dias indeterminados. Assignaturas: anno 6\$000. Numero avulso 500 réis.  
A correspondencia deve ser dirigida para a RUA MARECHAL DEODORO, N. 10-B

## SUMMARIO

DR. CESARIO MOTTA JUNIOR. . . . .	T. A.
UM CASO EXTRANHO. . . . .	Magalhães Sobrinho.
ALMA. . . . .	Julio Cesar da Silva.
INSTRUÇÃO PUBLICA. . . . .	Frontino Guimarães.
OS POETAS. . . . .	Amadeu Amaral.
INSTRUÇÃO PUERIL. . . . .	M. Carneiro.
ARAGY. . . . .	Rachel.
POEMA DA AGONIA. . . . .	Guerra Junqueira.
ALBUM DE VISITAS. . . . .	
CHRONICA A ESMO. . . . .	Arthur Goulart.
AVISO. . . . .	

O proximo numero da *Revista Moderna* trará o retrato e esboço biographico do  
DR. HYPOLITO DE CAMARGO

### Dr. Cesario Motta Junior

Honra hoje uma das paginas da nossa *Revista*, o retrato do illustrado medico e digno Secretario dos Negocios do Interior deste Estado, dr. Cesario Motta Junior.

Folha dedicada exclusivamente aos interesses da instrucção e do progresso paulista, entrando nesta nova phase, procura ella render um preito de homenagem a todos aquelles que se têm salientado em pról do adiantamento deste futuroso estado, no commercio, nas artes e nas lettras.

De todos os elementos, porém, que concorrem para a civilização e engrandecimento de um povo, é por sem duvida a instrucção o mais importante e transcendente.

Eis porque cumpre esta folha um inadiavel dever, rendendo hoje este preito modesto de admiração ao eminente cidadão que tanto se tem exforçado, no governo deste Estado, pela elevação do nivel intellectual da terra que lhe foi berço.

O dr. Cesario Motta Junior, nasceu a 5 de Março de 1847, em Porto-Feliz, sendo filho de paes ytuanos,

o conhecido e venerando clinico dr. Cesario Motta e a virtuosa senhora d. Candida Clara da Motta.

Estudou primeiras lettras, latim e francez, com seu tio o cidadão Fernando Motta, na cidade de seu nascimento, continuando os estudos no collegio do Lageado, em Campo Largo.

No Rio, completou os preparatorios e matriculou-se em medicina, tendo feito um curso brilhante, terminado com a nota de distincção na these que defendeu.

Foi um dos propagandistas republicanos mais intemeratos, realisando conferencias em diversas localidades da nossa então provincia.

Em 1877 teve assento como deputado na nossa Assembléa Provincial, onde, com Prudente de Moraes e Martinho Prado, completou o primeiro triumvirato republicano dos representantes do povo.

O seu primeiro discurso foi contra a despeza com um obelisco no Ypiranga, entendendo que seria melhor empregar o dinheiro em instituções de ensino que emancipassem intellectualmente o brasileiro do europeu.

Apresentou um projecto criando nesta cap.tal um instituto de sciencias naturaes, um curso de agricultura e outro de pharmacia, declarando que o seu intento era assentar as bases para a criação de faculdades superiores.

Foi signatario de uma indicação para que o governo ficasse auctorizado a dispender 100 contos annuaes para mobiliar as escolas publicas ou construir predios para as mesmas, sendo preferidos os lugares cujas municipalidades fizessem a metade da despeza.

Fundou com alguns companheiros um gabinete de leitura em Porto-Feliz e outro em Capivary.

Nesta ultima cidade residiu até 1890, de onde sahiu para tomar assento no Congresso Federal, como deputado paulista, transferindo então a sua residencia para esta capital.

Em Capivary clinicou durante muitos annos, advogando tambem no crime, onde se salientou brilhantemente na tribuna judiciaria.

Podia ter feito uma grande fortuna si não se oppo-

zesse a isso o seu generoso coração, pois era um pae da pobreza e a sua bolsa sempre se achava aberta para os necessitados, e os seus serviços medicos sempre francos e gratuitos para os menos favorecidos da fortuna.

Por isso deixou naquella cidade um nome popularissimo, do qual se lembram saudosos quantos o conhecem.

Para dar um traço característico da generosidade do nosso biographado, n'uma época em que não dispunha de grandes recursos pecuniarios, basta que lembremos o que diz o saudoso e chorado patriota Silva Jardim nas suas *Memorias e Viagens*, ao descrever as suas dificuldades de estudante pobre :

« Não tinha dinheiro para pagar a matricula : foi Cesario Nazianzeno quem m'o deu emprestad ».

Um modo de dizer, porque nunca mais quiz acceital-o. »

O dr. Cesario Motta fez parte do Congresso Agrícola no Rio em 1868 ; assistiu como representante aos Congressos reunidos nesta capital ; foi autor na Camara Federal de diversos projectos relativos á instrucção e hygiene ; fez parte da Commissão dos 21, da qual foi presidente e membro, das comissões de saude publica e instrucção e, á convite da Directoria da Sociedade de Hygiene do Rio, fez uma conferencia no Lyceu.

Oppoz-se como deputado á suppressão do curso annexo á Faculdade desta capital, idéa que tinha sido aventada.

Foi membro da Commissão Central do Partido Republicano, nesta capital, até que foi chamado ao Governo do Estado pelo digno presidente dr. Bernardino de Campos, afim de exercer o cargo de Secretario dos Negocios do Interior, que até hoje occupa, com honra para o Governo e lustre para o nome paulista.

Neste cargo tem prestado inestimaveis e valiosissimos serviços á causa publica, curando especialmente dos negocios que dizem respeito á hygiene e á instrucção primaria, secundaria e superior.

Graças aos seus exforços e dedicação inexcusavel foi cortado o passo, neste Estado, á temível molestia que assombra e horrorisa a Europa inteira—o cholera ; a variola que era quasi endemica, nesta capital, foi extincta completamente, fechando-se o respectivo lazareto ; a instrucção publica cujas reformas até aqui eram executadas morosamente, encontrou no digno Secretario do Interior o mais disvellado apoio, procurando elle executar em todos os seus pontos a Lei n. 83 de 8 de Setembro de 1892 que a modifica, já organisando o Conselho Superior, já tratando das nomeações dos inspectores de districtos, já procurando adquirir moveis e utensilios para as escolas e, realisando a sua maior aspiração—vêr creada uma faculdade superior em S. Pauló, cuja lei de regulamentação teve a gloria de assignar.

Taes são entre outros, conhecidos do publico, os serviços prestados pelo dr. Cesario Motta Junior, na pasta que em bôa hora lhe foi confiada.

A *Revista Moderna* rende portanto uma justa homenagem ao illustre cidadão, que tanto se tem imposto á admiração e ao respeito dos paulistas, votando-se com tanta dedicação á causa do progresso e do engrandecimento do seu torrão natal.

T. A.



## Um caso extranho

Ao dr. H. de Camargo.

Domingo.

Clara noite de luar esplendido.

Pelas bandas de um tristonho bairro, afastado demasiadamente da paulistana cidade velha, lá onde nos não importuna o rumor constante das ruas frequentadas, e onde o progresso se não estendeu ainda com seus parallelepipedos, suas linhas de bondes, sua illuminação prodiga, seus predios de architectura hodierna,—em pequenina casa arredada, amarella de óca, assim á guisa de habitações de proletarios, em meu acanhado quarto de estudante acabava de sorver em ardente leitura as derradeiras paginas da historia de Sapho de Myteline.

A vida da grega genial me impressionára em extremo o espirito de moço.

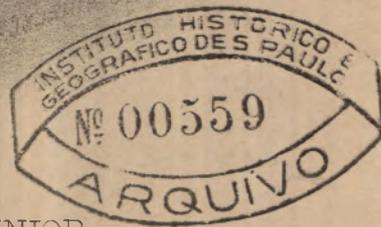
Poetisa prodigiosa, invejada por Gorgo e Andromeda, comecei a maldizer em silencio a sorte que a fez reinar ha tantos seculos transactos, quando hoje seria a mim em excesso deleitoso ouvir de seus labios as elegias, as harmoniosas elegias, que a immortalizaram !

Lá fóra o luar é cada vez mais enamorado : simula abraçar languidamente a extensão inteira da rua morta, clareando com a pallidez marmórea de sua luz a gramma que a intervallos rasteja esmeraldina.

Rapidas como relampagos succedem-se agradaveis idéas em minha mente scismadora.

Aqui eu vejo a formosa e intelligente Sapho dando a Alceu apaixonado profundos ensinamentos de moral ; alli, exilada em poetica ilha italiana, banhada pelo Mediterraneo, a contemplo triste, compartilhando de sua desgraça.

Lesbos, cujas praias o mar Egeu beija voluptuosamente, parece-me a mim pequena ilha encantada, morada eterna de fadas amorosas, construida de palacios scintillantes de ouro, de rubis, de esmeraldas.



DR. CESARIO MOTTA JUNIOR



De repente rumor estranho interrompeu as minhas divagações.

Se então notei alli a presença de Marcos, o louro mançebo das orgias perennes.

Começava a despertar-se do lethargo a que o prostrára a bebedeira da noite passada.

Ebrio, soturnamente ebrio, tinha vindo ás quatro horas matinaes de uma tasca immunda, em cujos fundos sempre e sempre se reunia aos companheiros de bohemia.

Cantarolando cantigas de sua terra, cambaleante entrou na alcova, deixando-se cahir vestido, e ainda de chapéu, sobre a cama, uma marquezia baixa, feia e estreita.

Sómente agora, nove da noite, parecia dar accôrdo de si.

Levantou a cabeça e, lançando rapido olhar em derredor, indagou a mim das horas.

E adormeceu de novo.

— Então! vamos á cidade? perguntei ao optimo companheiro, que, após novamente despertar, acabava de vestir uma elegante fatiota de cachemira clara.

— Vamos; necessito mesmo de buscar do Ambrosio *Le docteur Pascal*, ultima producção do grande mestre... e mesmo interessa a mim saber em que consiste a tal combustão espontanea...

Sahimos.

O luar... sempre o magnifico luar!

Marcos, distrahido, lepidamente girando nos dedos finissima bengala de unicornio, encastoadada de ouro, assobiava trechos da popular *Gran Via*, truncando-os sempre.

Quanto a mim, prolongando vagamente o olhar pela extensão da rua deserta, allumiada com prodigalidade pelo decantado planeta das noites de verão, scismava, scismava em não sei quê.

Caminhamos desse modo muitas dezenas de passos.

Subito, porém, o meu amigo, que até áquelle momento nada disséra, deixando de assobiar, parou, e, voz terrorizada, indicando com a bengala um trecho da estrada, disse:

— Foi aqui!... Exactamente neste mesmo lugar!...

(Continúa).

MAGALHÃES SOBRINHO.

Tomou posse no dia 3 do corrente do cargo de director da Escola Normal, para o qual foi ultimamente nomeado, o prestimoso cidadão Gabriel Prestes, nosso distincto collega do «Estado de S. Paulo».

Parabens ao governo e á Escola Normal pela boa acquisição que acabam de fazer.

## ALMA

(Sarcasmos)

A minh'alma, leitor, é uma pobre cidade  
Em abandono, após uma longa derrota;  
E' uma cidade pobre, amplissima e remota  
Da qual a gente se recorda com saudade.

Largas ruas sem fim, amplas ladeiras... nota:  
Que silencio tão triste a praça toda invade!  
Tudo em ruinas, deserto!... a minha cara herdade...  
Tudo immerso no cahos de uma tristeza ignota!

Pomares todos nus de verdura... Um cypreste  
Apenas, mudo, agita a folhagem, distante...  
Por tudo se respira um ambiente de peste

Castellos a derruir... alas de casas nuas...  
Ninguem, ninguem... Eu só, como unico habitante,  
A passear, a passear pelas desertas ruas.

JULIO CESAR DA SILVA.

## INSTRUÇÃO PUBLICA

O indifferentismo, o menosprezo, com que tem sido tratada a classe do professorado publico, no nosso paiz por parte dos poderes competentes, tem levado quasi o desanimo, a descrença de se vel-a elevar-se á altura a que merece. Si é principio incontroverso que o engrandecimento de um povo está na rasão directa da sua instrucção, esta classe, cuja missão nobre é preparar cidadãos ureis e prestaveis á patria, quando não gozasse de certas immunidades, de certos privilegios, devia ao menos merecer a attenção do governo, dando-lhe meios, recursos para a sua manutenção, para a sua elevação, na posição que occupa na sociedade.

Os governos não podem descurar da instrucção popular, base e alicerce de todo o governo e principalmente da democracia que é o governo do povo pelo povo.

Já nos antigos tempos em Roma e Athenas, berço de tantos jurisconsultos e philosophos, em cujas doutrinas os modernos pensadores, vão encontrar um manancial de sciencia e de luz, os governos procuravam diffundir a instrucção por todas as camadas sociaes.

Na França, o paiz livre por excellencia cuja liberdade fôra conquistada com o sacrificio de milhares de

vidas, mas dando ao homem direitos que até então estava privado de gozar, apesar de lhe serem natuos, definindo-lhe a posição nobre e altiva para que veio ao mundo, na França digo eu, já no tempo dos imperadores encontramos muitos delles preocupando-se grandemente com a instrucção primaria, como Luiz XIV, que deu o seu nome ao seculo em que viveu, como Francisco I, no seculo XVI, antevendo a ruina do seu paiz, pela ignorancia do seu povo, mandou chamar Erasmo, esse espirito reformador, e franqueando-lhe os cofres publicos diz-lhe que trabalhasse e conseguisse o renascimento das letras e das artes, tão decedentes.

Erasmo, amante como era da instrucção, comprehendendo que para desempenhar-se desta incumbencia, era necessario, era preciso instruir o povo, tractou logo de crear escolas, institutos, onde a todos fosse dado frequentar.

Na republica Norte Americana, essa republica modelo, muito se tem feito em prol da instrucção publica, desde o tempo do seu immortal fundador Washington, que ao assumir as redeas do governo, exclamava: «a virtude e a intelligencia dos cidadãos, são duas garantias indispensaveis das instituições republicanas».

Ali o professor publico occupa uma posição elevada, nobre, que teem os funcionarios publicos, os magistrados, e as escolas primarias são plantadas em todos os recantos das cidades e aldêas.

Quando em 1866, o parlamento francez tratava de reformar a instrucção primaria, Jules Simon em um eloquentissimo discurso disse, que a primeira riqueza de um paiz, é a riqueza intellectual e como todas as riquezas, tem ella necessidade de ser cultivada para ser fecunda, disse mais, que a intelligencia é a primeira força do mundo.

Entretanto, si existe o desanimo, a descrença que já nos referimos, todavia, pelos legisladores do congresso estadual foi elaborado um projecto de reforma digno de uma corporação tão illustre, o qual apenas depende da sancção governamental, para ser posto em execução, que veio plantar um novo marco a esta classe do professorado publico, dando incentivo para uma nova vida, para o engrandecimento intellectual e moral deste Estado.

FRONTINO GUIMARÃES.

Por iniciativa do Bispo Diocesano exm. e revdm. D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, foi fundada nesta Diocese, a Federação Catholica, que, entre os innumerados beneficios que pretende prestar ao nosso Estado e ao catholicismo, acha-se o da creação de escolas gratuitas para as crianças desvalidas.

Apresentamos a sua. ex.<sup>a</sup> o sr. Bispo Diocesano, as nossas felicitações por tão grandiosa e humanitaria idéa.

## OS POETAS

*EPHEMERAS, versos, por Silvio de Almeida. Prefacio de Raymundo Corrêa. — S. Paulo, 1893.*

Gentilmente convidado por um dos distinctos redactores desta folha para tratar do livro presente, começo sem recusar o convite, por declarar que não são as linhas que aqui deixo, longe de merecerem foros de critica autorisada, que lhes não posso dar, senão um simples juizo, modestamente despretençioso.

Isto dito, levanto sem mais nada uma censura de que merecidamente precisa o intelligente bardo mineiro, por arrecadar de suas gavetas grande parte ou todas as producções que lhe sahiram das mãos, excellentes e mediocres, para offerece-las ao publico numa pouco attractiva mistura, volumosa, pesada, em que as cousas boas são prejudicadas pelas que inteiramente não o são.

O livro, tendo producções admiraveis, tambem tem aquillo que se póde chamar—manchas do sol: producções atarracadas numa mediocridade vulgar, umas, defeituosas quanto á fôrma, outras; é um cofre, e bem mau cofre, graças aos trabalhos typographico e de encadernação, atulhado de filigranas artisticamente trabalhadas, de ouro puro, em mistura com quinquilherias ligeiras e perolas betadas, diamantes com jaça.

Faziam as *Ephemeras* outro effeito si fossem um livro redondo á metade do que é, contendo, unicamente as melhores producções do poeta, que as tem boas e ao par disso bem impresso, bem encadernado, leve, elegante.

O talentoso sr. Silvio, um dos poucos poetas do microcosmo litterario paulista que fazem jús a encomios, ha de concordar que merece a censura...

O livro presente é um escritorio de versos em gerafluentes, bem feitos, com uns tons levemente austeros de ouro velho; a idéa aconchega-se á phrase, com suas bellezas, mais ternas e cantantes que atrevidas ou gritadoras.

O sr. Silvio reflecte em seus versos o temperamento morno de que é dotado e a calma de seus trinta annos de moço burguez, assignalados pela sua barba avigorada e por seu todo de *homem serio*, casado, director de collegio, mettido emfim no prosaismo desolador do mundo. Em seus versos não transluzem chispas vermelhas de ligeiras brejeirices, de pequeninos atrevimentos poeticos, hoje tão em moda; são calmos, reflectidos, macissos.

Esse pessimismo de olhos esgazeados, pallido e do-

doloroso, que ahi se agita amalucadamente nos diarios de todo o paiz, não apparece nas *Ephemeras*.

O sr. Silvio rozia seus versos duma sensivel nocção de fé, de amor, de esperanças; transparece nelles um espirito de conciliação, de branduras, bondadoso, numa calma de temperamento morno e docil.

Portanto, é esse um livro bom para a alma. Não se nos aviventa ao lel-a, essa chaga febricitante da *doença do seculo*, chaga que sentimos premida irritantemente por essa alluvião de versos que ahi pullulam, desesperados e doloridos, rebentando em imprecações, num desvairamento aloucado.

Francamente : quasi cheguei a articular uma benção ás *Ephemeras*, quando fechava o livro.

Antes de terminar este rosario de phrases insossas, aqui encravo uma das bellezas do poeta :

### O POETA

Minh'alma livre pelos ares vôa,  
Rapida e leve como pennas d'ave,  
E sobe, como o incenso pela nave  
E desce, como a garça na lagoa.

Em suas fibras tremulas resoa,  
Por mais que a dor o pensamento entrave,  
De amor um canto limpido e suave,  
Que o mundo enflora e as solidões povoa.

O inexaurivel quer, pouco lhe basta,  
E' doce, meiga, religiosa e casta,  
Sorri e chora por um quasi nada.

Não vê perigos a que não se affoite,  
E fica sem dormir por toda a noite  
E sae cantando pela madrugada.

Para terminar : o sr. Silvio de Almeida nos deu um bom livro, não nos sendo, porém, licito esperar de si um melbor, visto como sua estréa já foi tardia.

Emfim, merece parabens, e eu lh'os dou sinceramente.

AMADEU AMARAL.

### INSTRUÇÃO PUERIL

A criança, naturalmente bem constituida, dos 6 para os 7 annos está apta para encetar seu curso primario em qualquer escola.

Ha progenitores que, por impulso mal entendido, mandam seus filhos á escola com 5 annos, e até com menos; mas, em tão tenra idade, o alumno não pôde ser submettido ao regimen escolar : poderá quando muito ser extranumerario, com faculdade de estudar e aprender livremente, sem methodo e sem outra obrigação disciplinar que não seja a de se comportar

bem e não perturbar a boa ordem que deve reinar em o recinto da escola. O contrario seria, pelo cansaço, enfraquecer as faculdades mentaes da criança, com grave risco de lhe prejudicar a constituição physica.

Um menino em taes condições pôde tirar proveito estudando no lar domestico; mas nos collegios ou escolas publicas, frequentadas por alumnos em numero avultado, não pôde haver classe privilegiada e, por excepção, dispensada do regimen e methodos adoptados.

Aos 7 annos, porém, a criança de boa constituição physica tem adquirido a robustez necessariæ para suportar os rigores da disciplina e fazer os esforços mentaes a que é obrigado, conforme a classe a que pertencer.

O professor, para poder tirar o maior aproveitamento, deve empregar o seu primeiro cuidado em estudar a indole e temperamento dos alumnos, afim de conhecer qual deve ser o seu procedimento para com elles; porque os fracos e timidos carecem de animação e agrado, emquanto os petulantes e altivos precisam de um certo gráo de rigor para se tornarem submissos, obedientes e disciplinados, a bem da ordem e respeito que deve reinar em o seio da escola.

A aprendizagem escolar inicia-se pelo alphabeto, que constitue a primeira difficuldade a vencer.

Cousa notavel ! A criança que em seus primeiros annos faz prodigios de memoria, distinguindo cousas e pessoas e decorando milhares de nomes, ao encetar sua carreira escolar, mostra-se de uma imbecilidade atroz para conhecer distinguir e gravar na memoria os signaes caracteristicos das lettras maiusculas e minusculas do alphabeto. E' necessario tempo e paciencia.

O alumno, depois, aprenderá a distinguir as syllabas e pronunciar as palavras, passando em seguida aos elementos de escripta e contas, e quando tiver adquirido bom desenvolvimento de leitura, far-se-ha estudar as regras de grammatica, noções de geographia, de historia e noções de cousas, observando invariavelmente a regra—de que se deve marchar sempre do simples e facto para o mais difficil e complicado.

O facto de irem os alumnos á escola para se instruirem intellectualmente por meio de exercicios mentaes e praticos, não exime o professor da obrigação de continuar a desenvolver sua educação moral, iniciada com maior ou menor proveito, com maior ou menor cuidado, no seio das respectivas familias. Por isso a missão do preceptor, em relação aos discipulos, é dupla : educar e instruir. Educar, isto é, formar-lhes o coração, de modo que se tornem bons, polidos, morigerados e bem comportados; instruir, quer dizer, dilatar-lhes a esphera da mentalidade, habilitando-os a mais altos commetimentos.

Setembro de 93.

M. CARNEIRO.

## ARACY

Cantava meio dia no alto.

O céu era um vasto zimbório de turqueza onde fluctuava derramando a prumo sobre a terra a sua aljava de settas doiradas, o disco abrazador do sol de estio.

Circulava uma temperatura morna pelo ambiente e se evolava pelo espaço uma nuvem de aromas e caricias vindas do espesso bosque que se perde lá ao longe no horizonte da matta.

Cessára o ruido dos trinados dos passaros cantores, os sibilos das serpentes, e nem si quer a voz rouca do vento passava nas franças dos arvoredos. Apenas um ou outro som longiquo e doce vinha rolando dos cumes dos outeiros azues e morriam em suas verdejantes e florescentes bases.

Tudo era verde e delicioso!

Aqui estendia-se um tapis de esmeralda com esmaltes variegados, ali extensos pinheiraes—violinos das flores, em cujas cordas a briza desfere suas canções. Viam-se tambem cyprestes que pareciam contemplar serenos e impassiveis a todo o esplendor deste bosque. Uma alluvião de borboletas quaes petalas orvalhada, cahidas do céu, adejavam de flôr em flôr e ninhos de passaros balançavam-se docemente nos delicad s ramos das heras serpejantes.

Tudo convidava a silenciosa contemplação.

Abrigada do sol ardente, fluctuava no ar uma rêde de macias pennas coloridas de varios matizes, suspensa aos troncos de dous jacarandás, onde se via reclinada de flanco, Aracy, a filha do cacique de uma das tribus mais guerreiras e valentes das tribus indigenas.

As flôres e as pennas das suas vestes pareciam harmonisar-se para realçarem-lhe a belleza.

Nos seus olhos brilhava o negrume de um perigo e os longos cabellos cahiam indolentemente sobre o bronzeado crestado pelo sol tropical.

Mais lá, ao longe, quasi occulta nos bosques cerrados estava a taba de seus paes.

As horas passavam de manso, de manso...

Cançados de contemplar tanta verdura, os olhos de Aracy cerraram-se pouco a pouco e ella adormeceu.

De vez em quando agitava-se na rêde, e um leve sorriso passava-lhe pelos labios coralinos.

Parecia sonhar.

O celeste plainos dos céus tinha o colorido dos mares, e a natureza desatava-se em risos e flôres.

Veio quebrar este silencio morno o estridente uivo de uma panthera esfaimada, cinzenta, coberta de pequenas manchas de um negro carregado de aspe-

cto ameaçador. O uivo feroz estrugiu na selva, que parecia estremecer de temor e foi despertar a joven indiana adormecida na rede de pennas.

Aterrorisada saltou precipitadamente, e gelada, immoyel como uma estatua, fixou o negro olhar na terrivel panthera.

O medonho felino aproximou-se mais da joven, parecendo extasiado de admiração. Os olhos cresciam-lhe das orbitas, as fauces medonhamente distendidas, abertas, deixavam vêr duas fileiras de dentes alvos e agudos e as patas dianteiras alongavam-se para diante.

Frente a frente mediram-se num olhar.

O terror gelava os membros de Aracy que fixava os grandes e profundos olhos sobre a panthera, emquanto que esta despedia das orbitas um olhar parado numa reflexão de ameaça. Parecia que tanta belleza a petrificara; diante d'aquelles olhos que cantavam uma suavidade angelical, o aspecto da panthera transformou-se subitamente, o olhar ameaçador tornou-se brando, meigo dolorido, e como o coração de féra se enternecesse, as patas vergaram sobre a relva espessa lambendo-lhe as plantas amorosamente.

E depois, dando um pulo, rapido, selvagem succidiu a cauda e foi em largos galões para o seio da matta virgem.

Aracy abandonou a sua rede de pennas e magestosamente encaminhou-se a passos lentos para a taba de seu paes.

RACHEL.

## POEMA DA AGONIA

(FRAGMENTOS)

Salão de castello feudal. Nas paredes panoplias tapeçarias, retratos dos antepassados. No fogão colossal arde um tronco d'arvore. Ao lume amodorados, os tres cães familiares do monarcha: *Iago*, cão de fila feroz e estropeado; *Judas*, cão de caça tinhoço, lazarento, espinha torta, olhar dubio de hiena; *Veneno*, fraldigueiro perfido, raça Carlin. Noute tragica. O mar ulula, a ventania rugue. Trovões profundos, relampagos formidaveis.

De quando em quando na escuridão aziaga da noute, um velho doido fantasmatico, lngas barbas de neve, olhar alucinado, coberto de andrajos, esvoaçando-lhe aos hombros um manto esfarrapado, restos de bandeira podre ou de sudario, canta soluçando, elegias tragicas, numa melopeia funebre d'agoiro. Todas as vezes que o doido canta os tres cães ladram furiosos e espavoridos.

## SCENA II

O REI (*dá janella, tremulo de medo, acabando de ouvir uma canção do doido*)

O doido !... Aquella voz de fantasma titanico  
Gela-me o sangue, e petrifica-me de pânico !...  
Porque ? Ignoro-o... E' o mesmo instincto singular,  
Que faz ladrar os cães mal o ouvem cantar !...  
Visiono um justiceiro... um carrasco sangrento  
D'além campa... a marchar no escuro, a passo lento,  
Direito a mim... Lá vem ! Lá vem vindo... não tarda !...  
Quem me defende ?... a minha côrte ? a minha guarda ?  
A minha guarda !... a minha côrte !... Ah bons amigos ...  
Como hei de crêr em saltimbancos e em mendigos

(*Assentando-se ao fogão, juncto dos cães*)

Se nem mesmo nos cães tenho confiança já !

(*Silencio. Os tres cães enchem-o de festas, beijam-lhe as pernas, enrodilham-se-lhe aos pés como que soluçando fidelidade fanatica; dedicação sem limites*).

(*Affastando Iago brutalmente*)

Iago... Iago... então !... basta de festas, vá !...  
Beijocando-me os pés, lambusando-me as mãos,  
Pretendes tu ganir, tal qual os cortezãos,  
Que és meu amigo... Eu sei... eu sei que na verdade  
E's meu amigo... Estás obeso como um frade,  
E, com esse ar de grande gala e de respeito,  
Davas um duque embaixador... Ah, que perfeito,  
Seria o teu brazão ! Um mastim como um toiro,  
Guela aberta a ladrar furioso em campo d'oiro...  
O que é pena, cachorro, é ver-te a dentadura  
Já toda apodrecida e partida... Foi dura...  
Mas tanto pontapê t'a esmigalhou, coitado,  
Tanto festim, monstro voraz, tens mastigado,  
Que os teus colmilhos, que eram d'aço e eram punhaes,  
Eil-os : cortiça com bolor !... Não mordem mais...  
Não mordem mais, nedio cachorro, amigo meu !...  
E as unhas, á cautella, essas cortei-t'as eu  
Prefiro ver-te assim, opiparo e pacato,  
Féra a fingir, molosso falso d'apparato.  
Roncas inda na voz trovões... trovões de farça...  
Anda, troveja, charlatão ! Ladra, comparsa !  
Nem a um rato põe medo o teu olhar sombrio :  
Domestiquei em porco o javaly bravio...

Um cão sem dentes, defesa d'um rei sem throno !  
Pobre de ti !... pobre de mim !... tal cão, tal dono !...  
O throno !... oh ! bem te importa o throno ! eu sei, eu sei  
Que é a mesa, o erario e a cosinha d'el-rei.  
O que te importa unicamente... Se eu faltar,  
Adeus coleira, adeus gordura, adeus jantar !...  
Sordido animalejo tropego, corrido.  
De viella em viella e beco em beco, entre o alarido  
Da multidão, irás, espostejado á faca,  
Obturar a garganta podre a uma cloaca !

(*Iago redobra de festas, lambendo-lhe humildemente os pés*)

Ah ! escusas de ganir dedicações idiotas !  
Fiel ?... Fidelidade má... suja-me as botas !  
Vae-te d'aqui !... conheço o teu caracter... vae !...  
Tu mordestes meu pae ! tu mordestes meu pae,  
Cachorro !... No esqueleto ainda porventura  
Se encontrarão signaes da ignobil dentadura...  
Seu manto esfrangalhaste aos pedaços, e em troca  
Meu pae, ó covardia real ! disse-te—aboca !  
Atirando-te um osso aos pés... E desde então  
E's da realeza o melhor guarda, o melhor cão !...  
E o vadio d'outr'ora, o mastim fero e bruto,  
De ventre magro, o olhar em sangue, o pello hirsuto,  
Capaz de trincar ferro ou mastigar cascalho,  
Eil-o:—Rufião !... Poltrão !... Ventrudo-mór !... Bandalho !

(*Erquendo-se*)

E são tres cães, Iago, Judas e Veneno,  
Um tigre pôdre, um chacal torto e um rato obsceno,  
O meu ultimo amparo !... Oh, baixaza ! oh, baixaza !...  
Tutelada por cães d'esquina uma realeza  
De oito seculos ! . . . . .

o DOIDO (*na escuridão da noute*)

Tive castellos, fortalezas pelo mundo...  
Não tenho casa, não tenho pão !...  
Tive navios... immensas frotas... mar profundo,  
Onde é que estão ? !... onde é que estão ? !...  
Tive uma espada... ah ! como um raio ardia, ardia  
Na minha mão...  
Quem m'a levou, quem m'a trocou quando eu dormia  
Por um bordão ? !  
E tive um nome... um nome grande... e clamo e clamo,  
Expição !  
A perguntar, a perguntar como me chamo !...  
...  
Como me chamo ? !... como me chamo !...  
...  
Ai ! não me lembro !... perdi o nome na escuridão ! !...  
GUERRA JUNQUEIRO.

## ALBUM DE VISITAS

Recebemos:

*Analyse da Constituição Brasileira*, pelo dr. José Maria C. de Sá e Benevides.

Por ser um trabalho importantissimo, incumbimos a um nosso collaborador de fazer uma apreciação sobre este livro, que publicaremos no proximo numero.

O *Album*, que vem sempre magnifico. A *Semana*, da qual é director o conhecido escriptor fluminense Valentim Magalhães; O *Echo da Mocidade*, orgam do Gremio Litterario e Scientifico do Instituto Official da Bahia, *Norte Paulista*, de S. José dos Campos, *O Athleta*, de Mogy-mirim, *Correio do Povo*, *Dous Corregos*, *Gazeta de Bragança*, *Sportsman*, etc.

A todos, os nossos agradecimentos.



## CHRONICA A ESMO

SUMMARIO:— *A Semana*.— *Ephemerus*.— G. Prestes.— Passamento.

Temos recebido com regularidade os numeros d'«A Semana», a brilhante folha fluminense sob a illustrada e criteriosa redacção do festejado escriptor dr. Valentim Magalhães.

«A Semana» é um organ por excellencia litterario e é collaborada pelas mais brilhantes pennas nacionaes.

Só um nome basta para tornal-a popular e para fazel-a querida e apreciada dos litteratos novos e velhos,—é o do seu glorioso redactor dr. Valentim Magalhães.

A «Revista Moderna» saúda pois com entusiasmo o alegre reaparecimento d'«A Semana.»

\* \* \*

Parece que á nossa poesia começa a despontar uma epocha de renascença.

Assim temos tido o prazer de vêr publicadas ultimamente varias obras poeticas de verdadeiros talentos nacionaes da moderna geração. Assim, Julio Cesar da Silva deu-nos as *Estalactites*, Ezequiel Junior os *Poemas*, Cruz e Souza os *Bloqueios*, Luiz Rosa as *Imagens e Visões*, e Sylvio de Almeida as *Ephemerus*.

Avante, pois, esperançosa e brilhante mocidade!

Vossos talentos são risonhos e bellos! O Brazil, esta abençoada patria de tantos filhos illustres, terá o orgulho de mais tarde registrar com caracteres dourados os vossos nomes no sacrosanto pantheon das letras!

Vamos fallar, pois, um pouco do livro de versos *Ephemerus*, obra que tem sido plenamente accepta não só pela imprensa paulista como tambem pela fluminense.

O seu auctor dr. Sylvio de Almeida, embora exageradamente modesto, já possui como poeta uma reputação firmada em o meio litterario deste Estado. O moço poeta ainda era estudante, quando as columnas do «Estado», d'«A Platéa» e do «Diario Popular» estampavam de quando em vez uma producção poetica de sua lavra.

Então já o dr. Sylvio gozava de merecido conceito nas letras e todos os seus confrades o respeitavam como um poeta de estylo elegante e de correcção a toda a prova.

Vêmos, pois, que o dr. Sylvio é um verdadeiro bardo, desde menino que se dedica com apaixonado amor á arte sublime da poesia.

As «Ephemerus» são um bom livro de versos simples e inspirados, e perfeitamente correctos.

O dr. Sylvio de Almeida é um poeta de nascimento, não ha duvida, basta lêr os seus primorosos trabalhos poeticos para provar exuberantemente o que affirmamos.

Alguns criticos censuraram a má impressão do livro, e realmente ella não está nitida, mais em compensação o que a obra contém é primoroso, attrahente e agradável.

O sr. Garcia Redondo disse em uma critica sua sobre as «Ephemerus», publicada em o «Diario Popular» de 24 do mez de Setembro passado, que só reconhece no Brazil quatro poetas verdadeiros que são :

Olavo Bilac, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Luiz Murat. Pois nós conhecemos muitos outros e entre elles o dr. Sylvio de Almeida. O dr. Sylvio tem inspiração, estylo mavioso e correcção, predicados necessarios a um bom poeta. Logo elle é um verdadeiro bardo.

Raymundo Corrêa, um dos mestres da actual poesia brasileira, disse: «O livro de Sylvio é dos que se commendam a si mesmo, sem dependencia de paronymphos litterarios, não só pelo fundo, como pela forma com que as ideias e imagens se nos offerecem nelle, trajadas naturalmente e em geral com uma graciosa simplicidade que me não parece muito commum. E não é sómente um bom livro, é um livro bom.»

Opiniões como estas, valem por certo alguma cousa.

O livro em geral contém poesias bellissimas e dignas de serem lidas pelas mais abalisadas auctoridades poeticas. Horario disse: «A poesia é uma das bellas artes, e nestas não ha meio termo. Ou o bom ou cousa nenhuma.»

Ora o livro do dr. Sylvio de Almeida foi julgado bom pela critica imparcial e abalisada, logo elle é um verdadeiro poeta e não um simples versejador, como disse o sr. Garcia Redondo!

A obra poetica «Ephemerus» conquistou pois desde já ao dr. Sylvio de Almeida um logar distincto entre os nossos mais inspirados poetas.

\* \* \*

Por acto de 25 de Agosto do corrente anno, foi nomeado o nosso distincto amigo Gabriel Prestes para occupar o importante e espinhoso cargo de director da Escola Normal deste Estado. A escolha do governo não podia ser melhor, pois o illustrado moço além de possuir um espirito preparadissimo, tem concorrido muito, por meio da sua palavra de deputado estadual e da sua scintillante penna de jornalista, para o progresso da nossa Instrucção Publica.

Parabens a Gabriel Prestes. Parabens á Escola Normal.

\* \* \*

Não podemos fechar a nossa chronica sem registrar o passamento do integro magistrado dr. Francisco Machado Pedrosa, ministro do Tribunal de Justiça deste Estado. O finado foi um cavalheiro de finas qualidades e um funcionario publico dos mais distinctos.

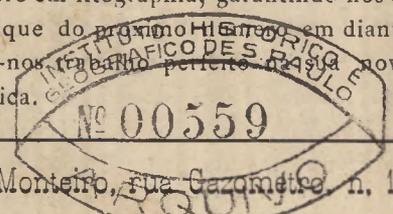
Nossos sentidos pezames a sua exma. familia.

30—Setembro—93.

ARTHUR GOULART.

### AVISO

Por ter sido impossivel trabalhar a nova machina de phototypia mandada vir pelos srs. Souza & Steidel para a impressão dos retratos do nosso jornal, damos o retrato deste numero em lithographia, garantindo-nos os mesmos senhores que do proximo numero em diante continuarão a dar-nos retratos perfectos para a nova machina phototypica.



Typ. de Oscar Monteiro, rua Gazometro, n. 16